

DAR A LUZ

A experiência do parto inspirou algumas de minhas meditações ao longo desses anos em que sou mãe e, recentemente, avó. Contemplei longamente o sentimento que tive no nascimento dos meus filhos. A incerteza como ficaria meu corpo depois dos partos assustava-me. Iria romper-me como uma fruta madura irremediavelmente transformada em alimento ?

Meu primeiro filho viu a luz em uma tarde primaveril. O segundo aprontou-se para sair quando eu estava no cinema. Quis estar presente à zero hora do domingo da ressurreição ! Quando pensei que já sabia tudo, o terceiro me ensinou a parir sem anestesia vindo à luz do dia tão rápido e fácil que o médico ainda não tinha colocado as luvas. Até hoje ele é o mais ligeirinho dos três...

Como os homens se aproximariam do mistério da vida e da morte sem a mulher como medianeira ? Não seria o parto a maneira projetada pela Mãe Terra para ensinar a eles a realidade cíclica do vir - a - ser ?

Comparando essas experiências, percebo que as ondas de contração na hora do parto me tomavam o corpo como se " fosse baixar um santo " . O parto natural é uma verdadeira erupção vulcânica. Minutos apenas e eu ultrapassei os limites do meu mundo, nascendo, eu mesma, para o imemorial mistério da vida.

Sei que, afinal, tudo foi suave, macio e aconchegante. Ainda que me tenha aberto como a Mãe Terra quando jorra de si mesma o fogo que acalenta no seu fundo ventre. Uma fonte poderosa de energia, calor e magnetismo vem à superfície. Fachos de luz contrastam com a escuridão da lava que vai tornando-se fria. A expressão "dei a luz !" não teria saído da boca de uma primeira Eva exaltada de poder ?

Outro dia, na aula de Cinesiologia, Lurdes Minari comentou " Quando a minha filha Marina nasceu, eu compreendi o significado de dar à luz ". Trazer uma criança à luz do dia, superando todos os empecilhos, é operar um milagre em parceria com a Mãe Terra.

Quando se diz "Eu dou à luz ", o ser que de mim brotou torna-se consagrado à Luz divina. Como reza a Grande Invocação ..."Do ponto de Luz na mente de Deus, flua Luz à mente dos homens ". A consciência de pertencer à unidade cósmica representa um marco nas tradições espirituais e começa no minuto do nascimento.

O que pode haver antes dessa luz que damos aos filhos e filhas na hora do parto ? A escuridão dos meses dentro do ventre. Essa fase sem luz permanecerá registrada na história de cada um e será usada como metáfora para os períodos de incubação de idéias. Quando gestamos planos, sentimentos, decisões, seguimos transformando a matéria pela vida afora.

Uma dignidade serena inspira aquelas que passaram pelo parto natural. Vencendo o medo de partir-se em duas para deixar partir de si mesma a criança amada, elas podem alcançar uma visão mais lúcida da força vital. Do que deixando-se abrir pelo bisturi. O parto cesariano rouba da alma e do corpo o ganho da participação voluntária na expulsão da criança.

A imagem corporal depois do parto natural registra as contrações involuntárias do útero que " deseja " expulsar a criança querida, bem como a intenção consciente de ajudar nesta expulsão. Na memória do corpo, a tensão dos músculos mostra a urgência do querer ver-se livre do bebê que provoca tanta dor. Não é uma maravilha que para ter o seu bebê nos braços, a mãe tenha de primeiro expulsá-lo de si mesma ?

Assim, também, outros momentos exigem que a mãe abra-se para deixar ir um homem, ou uma mulher, que foram suas crianças queridas. Sem deixá-los sair de seus braços, de sua casa, de suas vistas, como irá tê-los maturados? A batalha da existência pede que sejamos heróis e heroínas na justa medida em que renunciamos ao maternal abraço da Mãe Terra para depois voltarmos à Ela com a consciência formada, acolhendo-a em nosso próprio peito.

Deixando para os anos de imaturidade o desejo de sugar as forças da Terra, o ser humano com poder e sabedoria, cuida da Mãe com amor filial. Na jornada da consciência uma filha, ou filho, precisam afastar-se da maternal proteção para ajuizar sobre o alcance espiritual da união com a Mãe.

Percebi que a recordação dos partos estava incorporada em minhas juntas. É preciso aparentemente separar-se, para unir-se com nossos filhos e filhas de maneira mais sutil do que antes. Na unidade indiscriminada que forma-se no ventre, a mãe e o bebê são uma totalidade. Mas o bebê compartilha dessa unidade sem consciência.

Parte-se o ovo, o grito assusta, porém a chama da luz consciente está implantada em ambos. A mãe tem nos braços seu filhote para novas dores e renovados gozos. Inúmeras outras vezes a insegurança de abrir-se e deixar ir tocará no ponto sensível que a consciência registrou desde o parto natural. A imagem corporal da mãe informará que pode confiar no processo imemorial da vida.

O parto natural facilita a compreensão do majestoso movimento da Mãe Terra. Faz com que a mulher experimente amplamente o desejo de livrar-se do incômodo que as contrações provocam. Identificando-se com o "sonho" do seu útero, ela percebe que precisa expulsar o bebê. Não sentiria mesmo uma certa raiva dele nessa hora? Não é com os dentes trincados que ela espreme de si o fruto já no ponto de sair?

As pessoas perceberiam o sonho do seu corpo também na preparação para a cesárea, caso estivessem atentas a isto. Talvez o resgate do corpo onírico nesse momento decisivo para a auto-afirmação da mulher seja possível através da identificação com as contrações do útero.

É possível incluir os ganhos psicológicos do parto natural na cesárea a partir da aceitação da rejeição do bebê. Uso deliberadamente esse verbo para assinalar que o útero sonha com a rejeição do bebê, no parto. Claro! Não seria mortal para mãe e bebê que se prolongasse aquela estadia? Mas, quantas mãezinhas estão preparadas para certificarem-se de que seu útero expulsará a criança? Não lhes parecerá uma violência inadmissível?

A mentalidade patriarcal desenraizou a mulher da natureza. Para algumas pessoas aculturadas, abrir as pernas e gritar para expulsar de si a criança amada é demais primitivo. Além de contrastante com a imagem de boa mãezinha.

O descondicionamento dos padrões culturais inibidores é necessário para as mulheres modernas que desejam ter o parto natural. No curso da substituição do medo pelos valores a usufruir enfrentarão a máquina hospitalar e as regras médicas que concorrem com a boataria das amigas, disputando qual o maior empecilho para dar a luz em plenitude.

Quando um filho ou uma filha propõe sair do útero familiar, a imagem convencional da boa mãe pode tentar impedir. Não fica bem para a mãe aceitar de imediato a proposta das crianças estudarem fora. Pareceria que está virando as costas para...mas "elas" não são mais crianças!

No entanto, não há um momento em que o corpo da mãe sonha com uma cadeira só para ela? Honestamente, as pernas estão pedindo descanso? Não gostaríamos de deixar de pilotar a turma pelas aulas do colégio, de inglês, natação, terapia...?

Como operacionalizar as necessidades íntimas com o marido e os horários da criançada? Tenho atendido mães que não trancam nem a porta do banheiro, imaginando que estar "sempre à disposição" é bom para os filhos. Será que as pessoas fora do útero familiar estarão sempre à disposição, como ela?

A ausência de reflexão leva as mães a realizarem uma inversão de valores no amor. A meditação identifica as necessidades de desenvolvimento próprio que são anteriores ao fato da maternidade, ajustando melhor o papel materno. Uma ação correta pede que se busque continuamente a luz para decidir em paz. Ora, a verdade que se quer alcançar é fruto de um período de escuta paciente da voz interior. A pessoa que conseguir criar momentos de meditação terá frutos verdadeiros que iluminarão as suas escolhas.

E quando a verdade interior apontar na direção de que a mãe precisa de um espaço, para ficar só e reconstruir a própria vida ? O ajuste entre os desempenhos da mulher como pessoa, profissional, amante, mãe, ficam mais fáceis se o equilíbrio estiver enraizado na busca da verdade interior, em lugar da expectativa social.

Acompanhei quatro barrigadas da minha cachorra cocker, a Fafá. Ela foi uma mãe extremosa, limpava perfeitamente seus filhotes, até a veterinária elogiou. Fafá engolia a placenta, lambia toda a urina e as fezes dos bebêzinhos e assim, garantia a saúde deles. Mais tarde, trazia cada um que se extraviasse de volta para o ninho que ela preparara, e nós ajudáramos com panos quentinhos e uma luz acesa nas madrugadas frias.

Ela dava de mamar com infinita paciência, aqueles bichinhos pendurados dia e noite nas tetas inchadas de leite. Ela mesma só levantava para fazer suas necessidades longe do ninho, ou para comer. Um modelo de dedicação que tinha dia para terminar. Acontecia mais ou menos entre 40 e 60 dias depois do parto. Fafá tornava-se levemente distraída e não atendia às súplicas pelas tetas. Nós começamos a dar um mingau para matar a fome desvairada dos bichinhos. Depois eles comiam a ração própria dos bebês, mas ela ? Queria a sua vasilha sem ninguém perto, rosnava para os filhotes como se fossem estranhos ! Não admitia disputa com sua comida. Pulava por cima dos que ainda tentavam mamar. Despachou-se solenemente ao final do período em que seus hormônios assim decidiram.

Se pudermos ler atentamente os sinais do próprio corpo, aprenderemos mais sobre a humildade. Reconhecer os limites internos é uma sabedoria que as mães começam a aprender no dia em que engravidam, e não termina mais. A compaixão não é um sentimento para desenvolver só com os outros, mas antes de mais nada, consigo mesma. As mães precisam lembrar-se disso.

O principal ganho psicológico do parto natural é a experiência de poder associada ao gesto de amor. Poder de reter ou de permitir com amor, tanto por si mesma, quanto pelo outro. Do ato de participar ativamente para tirar de si o bebê esperado nascem uma criança para a luz, e a luz de uma nova consciência do poder na mulher. Tomara todos os nascimentos fossem naturais e trouxessem a criança e a mãe para a verdadeira Luz !

Seria o parto natural uma iniciação nos mistérios da Mãe Terra, para as suas filhas experimentarem tanto o poder de gerar quanto o de libertar-se do seu fruto? Se o caminho em direção à Luz pede um constante despojar-se das realizações anteriores, o parto natural é uma ocasião excelente para aprender esta verdade.